

O ESPORTE COMO PAPEL EDUCATIVO E SOCIAL

Nivaldo de Souza Barreto¹
Deoclécio Rocco Gruppi²
Secretaria de Estado da Educação do Paraná
Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem do ensino do esporte nas aulas de Educação Física. Especificamente, procura refletir sobre o desenvolvimento de outras práticas pedagógicas para esse conteúdo buscando apresentar uma perspectiva diferente das metodologias tradicionais. Partindo das observações feitas durante a implementação do projeto na escola e fundamentado nos pressupostos já produzidos na área que se buscou comprovar que podemos dar outro enfoque para o esporte escolar e que essa reflexão é necessária, pois não podemos negar a força desta representação entre a população e também para a Educação Física, o esporte é um fenômeno social de grande relevância e revela um mundo que precisa continuamente ser analisado. Um dos assuntos que deve ser refletido e compreendido é o valor do esporte para a educação e os benefícios para quem o pratica. Ao dirigir o foco de observação para o esporte escolar, encontraremos uma realidade perturbadora, já que comumente a preocupação em ter equipes competitivas nas escolas sobrepõe-se à intenção de ensinar adequadamente o esporte para os alunos. Assim, qualquer proposta pedagógica é facilmente substituída pela participação nos jogos e a busca de troféus e medalhas por um número limitado de talentos. Aí está a pedagogia do rendimento.

Palavras-chaves: Esporte – Educação – Criança

ABSTRACT

This work is an approach to teaching the sport in the classes of Physical Education. Specifically, demand reflects on the development of other teaching practices to make this content seeking a different perspective of traditional methodologies. Using the observations made during the implementation of the project at school and based on the assumptions already produced in the area that we can attempt to prove we can take another approach to the sport in school and that reflection is needed, because we can no deny the power of representation among the population and also for Physical Education, the sport is a social phenomenon of great relevance today and reveals a world that needs

¹ Professor PDE do Col. Est. Professor Amarílio, especialista em Ciência do Movimento Humano.

² Mestre em Educação – Professor da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO.

to be continually reviewed. One of the issues that I think and understand that the sport is really behind education and health benefits of the person practicing. By directing the focus of observation for the sport school, find a disturbing reality, as commonly the concern of having competitive teams in schools overlaps with the intention to properly teach the sport for pupils. Thus, any proposed teaching is easily replaced by participation in the games and the pursuit of trophies and medals for a limited number of talents. Here is the pedagogy of income.

Keywords: Sports – Education – Children

1 – INTRODUÇÃO

Antes de entrar na questão primordial desse artigo, que tem a pretensão de analisar se o esporte educa, ou se tem características que fazem com que o professor de Educação Física possa utilizá-lo com propósitos educativos, devemos responder primeiro o que significa educação. Por certo, ninguém foge da educação, pois esta acontece em muitos lugares e ao mesmo tempo, em casa, na rua, no clube ou na escola e, acabamos nos envolvendo com ela de alguma maneira: aprendendo, ensinando ou aprendendo e ensinando. Há uma história sobre uns índios americanos que ilustra bem o significado que a educação adquire para uma ou outra cultura.

Assim, Brandão (1981) nos conta que certa vez, há muito tempo nos E.U.A., dois estados firmaram um acordo de paz com seis nações indígenas. Por consequência do gesto amistoso e para tirar proveito político do momento, governantes locais enviaram cartas aos índios pedindo que enviassem alguns dos seus jovens para estudar nas escolas dos brancos. Mas, os chefes recusaram a oferta justificando:

"... Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração.

Mas daqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa.

... Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltaram para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão, oferecemos aos nobres senhores que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens. "

Para Gadotti (1997) “a educação é muito mais do que instrução, do que treinamento ou a simples repetição. A Educação é eminentemente transformadora, deve se enraizar na cultura dos povos”. A educação está em todos os lugares e no ensino de todos os saberes. Assim não existe modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela ocorre e nem muito menos o professor é seu único agente.

Os avanços tecnológicos trouxeram muitas facilidades no campo das comunicações, com o seu “mundo virtual”, porém tornaram as relações superficiais e impulsionou as pessoas para o consumo imediato. Porém, a educação é um processo longo e é necessário superar etapas, pois não acontece da noite para o dia, devendo ser combatido o imediatismo, o consumismo desenfreado, se se pretende contribuir para a transformação da sociedade. Somente uma verdadeira consciência histórica, construída entre educadores e educando, determina uma educação transformadora e libertadora. E isso requer tempo.

Pretende-se com esse artigo, levar o professor de Educação Física a refletir sobre a sua prática enquanto educador e a relação entre o esporte e essa disciplina, contrapondo rendimento e autonomia com finalidades de diferentes práticas educativas. Para tal, é necessário levar o professor à reflexão sobre a sua ação enquanto educador e a relação entre a Educação Física e o fenômeno esportivo. Apresento a seguir algumas questões que orientam este trabalho:

- O que podemos fazer, enquanto professores para saber se estamos no caminho correto na aplicação do conteúdo esporte?
- O esporte pode e/ou deve ser utilizado como meio educacional?
- Caso optemos por trabalhar com o esporte, quais são os objetivos que se pretende alcançar?
- A relação esporte e educação estão bem definidas para nós?

Tradicionalmente, os educadores têm realizado em sala de aula todas as propostas político-governamentais para a educação que é apresentada sem contestação ou sem uma análise crítica de seus reais interesses e conseqüências. O resultado disso é a descontinuidade, o descontentamento, o descaminho e o nefasto *fracasso escolar*. Vários estudos abordam a relação Educação Física/Esporte e reafirmam a contribuição da atividade esportiva na socialização das crianças, aporte esse que tem sido utilizado como justificativa para a manutenção desta disciplina nos currículos escolares, pois, entendem que a criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem “os outros”, que para a convivência social precisamos observar algumas regras, ter determinado comportamento (OBERTEUFER/ULRICH, 1977 apud BRACHT, 1997, p.58); aprendem as crianças, também, a conviver com vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a autonomia e a confiança em si mesmas, além do sentido de responsabilidade, entre outras questões.

Como diz o Manifesto Mundial da Educação Física (FIEP/2000): “Que há um consenso entre todas as concepções educativa que a Educação Física, através de atividades socio-psicomotoras constitui-se num fator de equilíbrio na vida das pessoas, expresso na interação entre o espírito e o corpo, a afetividade e a energia, o indivíduo e o grupo, promovendo a totalidade dessas pessoas”.

Mais especificamente o conteúdo esporte, amplamente utilizado por professores de educação física em sala de aula, pode ser utilizado com propósitos educativos? Como sabemos, nem toda a Educação Física é esporte, assim como nem todo esporte tem valor pedagógico.

[...] por presenciarmos, em nossa sociedade, via de regra, o prevalecer de um sentido de competição, comprometido com os valores hegemônicos na sociedade, que faz por exacerbá-la naquilo que possui de desumanizadora (ao menos para um projeto de sociedade que não este que aí está), nega-se a possibilidade de se olhar a competição como elemento passível de ser construído em outros patamares que não o existente, retirando-se, a priori, a possibilidade de tratá-la pedagogicamente (CASTELLANI, 1998).

De acordo com a história, a criança e a infância trazem vários significados da sociedade e do tempo em que vivem ou viveram. Ariès (1981) descreve que durante a idade média não existia o conceito de infância, todas as peculiaridades desta fase eram simplesmente ignoradas e a criança era considerada um adulto em miniatura, compartilhando das mesmas atividades e dos mesmos grupos que os adultos. Somente no século XVII, segundo Prizskulnik (2002), passa a existir uma nova noção de criança, amparada nos cuidados com a disciplina e a moral, pela qual ela é tida como um ser frágil e imperfeito, assim fazendo com que a educação se tornasse uma das principais obrigações humanas. Educação esta que acreditava ser necessário humilhar a criança, pois esta tinha uma condição inferior, e assim poder melhorá-la e torná-la um adulto honrado.

Desta maneira, nesse intuito de dar novo sentido a criança e a educação, o século XIX surge como um momento de importantes transformações sociais: abandona-se a compreensão de infância como um período de fragilidade que precisa de humilhação, e passa-se ao conceito de que a criança deve ser preparada para a vida adulta. Então, a educação formal assume uma importância essencial, e é precisamente nesse período, que a escola exerceu papel vital também na propagação da idéia de que o esporte era um excelente meio para a educação, contribuindo para a formação física e moral dos jovens.

O termo “Educação Física” foi utilizado pela primeira vez na Inglaterra (1893) por John Locke e na França (1762), por J. Ballexserd, porém, tanto o esporte como a Educação Física não surgem de maneira direta e clara no contexto escolar. Assim, para entender o contexto histórico onde estes deram os seus “primeiros passos”, voltamos um pouco no tempo, mais precisamente

no começo do século XVIII, quando na Europa a Revolução Industrial teve seu início. Este tempo, que vai até o século XIX influenciou profundamente o esporte como o conhecemos atualmente. É inegável que esse período determinou uma considerável alteração no estilo de vida das pessoas, principalmente dos trabalhadores, que impulsionados pelas transformações sociais decorrente deste processo de industrialização e evolução tecnológica, obtiveram mais tempo para o seu lazer e conseqüentemente, abriu-se espaço para a popularização de algumas modalidades esportivas entre os operários e a população urbana. A partir do século XIX os esportes ganharam o mundo através dos exploradores ingleses e demais povos que participaram da expansão colonialista européia.

1.1 - A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Por aqui, primeiramente, com o propósito inicial de educar tem início a história da Educação Física no Brasil e da própria educação, no entanto, em cada período ela está ligada aos diversos papéis que lhes são atribuídos, estes que sempre foram determinados pelos interesses da classe dominante. Assim, assume funções com diversas tendências: militarista, higienista, de biologização, de psicopedagogização, que ainda hoje permeiam sua prática (GONÇALVES, 1994).

Com o nome de “ginástica”, apropriado para a época, a Educação Física começa a fazer parte oficialmente da escola brasileira em 1851 na Reforma Couto Ferraz, que versava sobre os ensinos primários e secundários, porém somente a partir do ano de 1882 que ela ganha força com o Parecer de Rui Barbosa, mas mesmo assim fica restrita às escolas do Rio de Janeiro. Apenas em 1937 a Educação Física é citada pela primeira vez na Carta Magna, e ali já delineava a sua inclinação para a aptidão física, presente também na concepção inicial que Rui Barbosa mencionara em seu parecer. À época, o momento de desenvolvimento industrial do Brasil faz com que a Educação Física tenha “um pretexto não só de saúde, mas também ‘econômica’”. É o que estava estabelecido no art. 132, da constituição de 1937, onde essa prática

“preparava a juventude para o cumprimento de deveres com a economia e a defesa da nação” (LUCENA; 1994)

Na década de 30, com o processo de industrialização e urbanização e o estabelecimento do Estado Novo, a educação física passou a ser usada como forma de fortalecer e melhorar a capacidade de produção do trabalhador, visando desenvolver o espírito de cooperação em benefício da coletividade. Do final dos anos 40 ao início da década de 60, tentou-se tornar a educação física disciplina comum aos currículos escolares. Deste modo, a Educação Física pedagogicista é, pois, a concepção que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar a educação física não somente como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a educação física como uma prática eminentemente educativa. Após 1964, a educação física foi considerada como uma atividade prática que visava o desempenho físico e técnico do aluno. “Seu objetivo fundamental é a caracterização da competição e da superação individual como valores fundamentais e desejados para uma sociedade moderna (...) A educação física é sinônimo de desporto e este, sinônimo de verificação de performance” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991).

Na década de 1970, os militares apoiaram a sustentação da Educação Física na escola, pois tinham interesse em formar jovens fortes e saudáveis para as suas fileiras como a desmobilização de forças oposicionistas, estreitando as relações entre o esporte e o nacionalismo (BETTI, 1991). Assim se fortaleceu o conteúdo esportivo na escola, ressaltando valores como a racionalidade, a eficiência e a produtividade.

O Método Desportivo Generalizado, prática incorporada à Educação Física algum tempo depois, tinha como finalidade a inclusão do conteúdo esportivo na Educação Física com ênfase no aspecto lúdico (SOARES e colaboradores, 1992). Nesta situação, procura-se apontar o processo de evolução da Educação Física, evidenciando a questão das abordagens. Isso dá subsídios para que se vá a campo verificar se, na prática, os profissionais, acompanhando a evolução, utilizam novas tendências em sua atuação profissional cotidiana.

Após as Grandes Guerras, o modelo norte-americano denominado Nova-Escola fixou raízes com o discurso: “a educação física é um meio de

educação”. O discurso dessa fase advogaria em prol da educação do movimento como única forma capaz de promover a chamada educação integral (DARIDO, 1999).

Conforme diz Bracht (1989), o esporte foi introduzido dentro da instituição escolar imbuído de todos os princípios de rendimento atlético/desportivo, de competição acrítica, de comparação de rendimento, de regulamentação rígida, de racionalização de meios e técnicas, agravando-se ainda mais nas décadas de 1960 e 1970, quando, segundo Betti (1991), o professor, em detrimento de seu papel de educador, passou a ser um treinador, e o aluno, quase um atleta, surgindo a assim denominada linha mecanicista.

Antes disto, a Educação Física já tinha sido usada como instrumento político, sendo isso demonstrado na condenável prática da eugenia, que tinha em vista o predomínio da raça branca, em curso desde o início do século XX. Mais um fato a ser destacado é o vínculo direto da Educação Física com a instituição militar, o que fica claramente demonstrado no ano de 1939, com a criação da Universidade do Brasil e a Escola Nacional de Educação Física e Desporto do Exército, considerada a precursora da Educação Física no Brasil. Após essa fase, acontece uma considerável ampliação de investimentos nesta área, porém é a partir desse momento (décadas de 40 a 60) que ascende o fenômeno desportivo, levando a formação de um novo modelo de Educação Física.

De acordo com Soares e colaboradores (1992), a influência do esporte no sistema educacional é tão forte que não é o esporte da escola, mas sim o esporte na escola.

A partir da década de 1980, os estudiosos da Educação Física começaram a questionar o papel dessa disciplina dentro do currículo escolar. Houve reações não só contra o mecanicismo, mas também contra a Educação Física acrítica e subjugada (BETTI, 1991).

1.2 - O ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA

O assunto esporte é um dos temas mais controversos na área de Educação Física. Embora nós tenhamos contato com ele desde muito cedo,

bem antes de iniciarmos nossa caminhada escolar, não o fazemos de forma igual. Há aqueles que jamais desenvolvem qualquer gosto pela prática esportiva, mesmo assim não conseguem se esquivar de se envolver pelo menos durante a copa do mundo de futebol ou as olimpíadas, ainda que seja apenas como espectador. Através da mídia, até quem nunca praticou, pode entender as principais regras, fundamentos e táticas das mais variadas modalidades esportivas e também conhecer um pouco os seus protagonistas, seus objetivos, métodos de treinamentos, etc. Porém, é através das aulas de Educação Física que nos aproximamos mais dessa manifestação e aprendemos na prática porque o esporte atrai tantos e de forma tão apaixonada. Não por acaso, “... a Educação Física na sua construção histórica se apropriou dos fundamentos do esporte com a finalidade de educar, mas, a ausência de uma definição sobre a especificidade da Educação Física escolar permitiu que essa disciplina curricular desenvolvesse uma prática afastada das reais necessidades da escolarização” (DUCKUR, 2004).

As novas tendências pedagógicas nos mostram que não podemos, simplesmente, reproduzir o modelo de esporte de competição e nem “[...] ter o esporte como único organizador das aulas e também não ser a Educação Física instrumento da instituição esportiva” (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001).

O debate que ora se apresenta deve levar-nos a refletir sobre os efeitos e conseqüências formativas e educacionais do uso do esporte, também a discutir se é pertinente ou não ensinar técnicas esportivas nas aulas de Educação Física, mas, sobretudo, analisar e estabelecer se a finalidade dessa disciplina é descobrir bons atletas. Este estudo deve abordar desde uma perspectiva pedagógica, que nos permita observar em primeiro lugar a criança a partir do seu desenvolvimento corporal e motor, ainda seus interesses, motivações, costumes e necessidades de movimento, e em segundo lugar, desenvolver outras formas de ensino do desporto na escola. Para isso é necessário desenvolver este trabalho considerando todos os contextos históricos, os quais tiveram influência sobre a educação física até ter chegar à forma que hoje conhecemos.

“O desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si mesmo nem socializante, nem anti-socializante. É conforme aquilo que se fizer dele. A prática do judô ou rúgbi

pode formar tanto patifes como homens perfeitos preocupados com o fair-play” (Parlebás)

Utilizando uma citação de Vago (1996), Assis de Oliveira (2002) escreve: “[...] por suas relações com a totalidade social, da qual é uma manifestação, a escola não poderia ficar alheia a todo esse processo histórico de consolidação do esporte como prática cultural da sociedade moderna. Ele penetra por seus portões, é praticado em seus espaços e em seus tempos, consolida-se como conteúdo de ensino da Educação Física [...] como algo digno de ser ensinado [...]”.

No entanto, aos professores de Educação Física, enquanto educadores cabem a responsabilidade de refletir sobre a sua forma de atuar e se for o caso, dizer “não” para o encanto que o esporte exerce sobre todos nós, criando a grande ilusão do “importante é vencer e a qualquer preço”, pois uma exclusão ou uma substituição em um jogo pode ser facilmente esquecida pelo educador, mas não para aquele que foi preterido e até constrangido. Esta sensação de exclusão que a criança vive pode contribuir de forma decisiva para gerar problemas de auto-estima e relacionamento com o resto do grupo, podendo este futuramente, fazer parte das estatísticas dos adultos sedentários, comprovando que a instituição educacional e a nossa pedagogia fracassaram e continuarão a fracassar.

O esporte na escola é um assunto bastante complexo, amplo e um dos temas mais controvertidos na discussão pedagógica, pelo grande entusiasmo que provoca, por sua abrangência e as várias capacidades de abordagens, fomentado pela carência de mais pesquisas sob seus diversos aspectos e as diferentes realidades escolares. É sem dúvida, um grande desafio. E deste ponto de vista, destacamos a importância da Educação Física na socialização ou aprendizagem social dos alunos, entendendo que, socialização significa o processo de transmissão dos comportamentos socialmente esperados, ou seja, que o indivíduo possa desempenhar determinado papel na sociedade, e isso envolve a aquisição de capacidades/habilidades físicas e sociais, valores, conhecimentos, atitudes, normas e disposições que podem ser aprendidas em uma ou mais instituições sociais, como por exemplo, a família, a escola, o esporte, ou ainda através dos meios de comunicação.

A indispensável necessidade de tratar desta questão da Educação Física numa perspectiva didática converte-se por um lado, avaliando a realidade social do esporte, como um campo no qual as relações e ações sociais são de fundamental importância; por outro lado, tendo em vista o cotidiano do professor que nos remete a considerar com mais profundidade as relações sociais oferecidas ou influenciadas pela educação física e, dependendo do caso, buscar transformá-las, sendo que ele (o professor) é o elemento de ligação entre o contexto interno (escola), o contexto externo (sociedade), o conhecimento dinâmico e o aluno, sem, no entanto, resumir os conteúdos à produção do conhecimento corporal e/ou a prática desportiva, principalmente dos esportes coletivos tradicionais. Entretanto, como afirma Cunha (1996), o papel do professor não se encontra claramente definido e nem valorizado. Além disso, não podemos nos esquecer de que o professor é o resultado de um determinado contexto histórico e social.

Podemos observar com uma frequência inquietante, que a implementação dos programas de esportes em escolas tem-se baseado no senso comum de que a participação no esporte é um elemento de socialização que contribui para o desenvolvimento integral do aluno, (LOY et al. 1978 apud BRACHT, 1997, p. 75); e FARINATTI (1995, p. 44) complementa afirmando que a prática físico-desportiva proporciona à criança muitas oportunidades de contato social, na medida de seu amadurecimento psíquico.

2 – DESENVOLVIMENTO

De certo ponto de vista, o que se encontra hoje nas escolas é um tipo de pedagogia da Educação Física de repetição de exercícios com o objetivo de ensinar um esporte, sem incorporar a experiência do aluno ao conteúdo e incentivar a sua participação. Nesse processo, uns são até excluídos por não ser tão hábeis, mesmo se tratando de crianças que ainda não possuem habilidades motoras já desenvolvidas, pois o único objetivo é a vitória. Dessa forma, não o capacita a resolver os problemas que se apresentam para torná-lo um sujeito autônomo e nem é garantia de adquirir hábitos saudáveis, pois a própria escola valoriza apenas os vencedores. A criança que aprende as

habilidades específicas de determinada modalidade, possivelmente ficará competente nisso, mas somente isso, não significa que no aspecto educacional, ela será capaz de atingir o desenvolvimento global do ser humano em todos os seus aspectos. O livro didático para o Ensino Médio do Estado do Paraná (2006) nos diz: “A cultura corporal, como fundamento para o estudo e o ensino da Educação Física, possibilita a análise crítica das mais diversas práticas corporais, não restringindo o conhecimento da disciplina somente aos aspectos técnicos e táticos dos Conteúdos Estruturantes”.

Os alunos de escolas públicas dotados de certas habilidades esportivas e que são destaques em suas equipes, muitas vezes são “convidados” a se transferirem para colégios privados com o incentivo de bolsas-de-estudos integrais, sendo por isso também o esporte, um elemento que oferece oportunidade para que alunos sigam na carreira esportiva e nos estudos com maiores condições, pois estas escolas utilizam o esporte como marketing para atrair mais alunos, por isso necessita de ter boas equipes nos eventos esportivos e conseqüentemente, obter bons resultados. O que do meu ponto de vista, não deixa de ser um trabalho que também o professor de Educação Física é responsável e se sente gratificado por ter contribuído de alguma forma para que aquele aluno tivesse novas oportunidades de crescimento e desenvolvimento. Então, qual é realmente a nossa função enquanto educadores? Questão que buscamos responder durante a implementação desse trabalho em sala de aula.

O esporte é reconhecido como promotor da saúde, da educação e do desenvolvimento humano. Podendo ser aplicado formalmente, como transmissão de conhecimentos sistematizados e regras pré-definidas, ou ainda, informalmente, como bem cultural e prazer de quem o pratica, tendo por justiça, passado a ser considerado, nesse início de século, como cultura universal.

A prática de algumas de suas manifestações, como é o caso do esporte escolar, aparece geralmente associada a valores e atitudes como a cooperação, o respeito, a responsabilidade, a criatividade e honestidade. Somente estes argumentos são suficientes para que a prática esportiva goze de presença de destaque em muitas das atividades que se desenvolvem com o objetivo de contribuir para o processo educativo das crianças.

Muitos educadores acreditam que a inclusão e a permanência da Educação Física nos currículos escolares se dá pelo fato de seus conteúdos, principalmente o esporte, terem grande contribuição na sociabilização dos educandos. Para que isso seja possível, o esporte escolar deve ser utilizado apenas para exercer a função que se espera dele como conteúdo da Educação Física, ou seja, contribuir para o desenvolvimento social, preventivo, educativo e sociabilizador dos alunos.

Deste ponto de vista, as competições esportivas promovidas pelas instituições públicas são contraproducentes, pois tem implantado um modelo organizativo do desporto escolar com os objetivos principais de alcançar um maior número de alunos participantes e ao final do evento apurar um vencedor. Nesse caso, suas intenções se restringem a busca de medalhas e a supremacia técnica dos mais favorecidos, seja pelas condições de treinamento, ou por sua melhor qualidade técnica.

Pode acontecer de o professor, diante da demanda da direção e dos pais em busca de bons resultados nos jogos, em cobrar da criança ser “o melhor” ou “o campeão”, sinta-se impotente frente às mudanças que pretende promover na sua forma de atuar, mesmo consciente do novo papel da educação física e do esporte escolar.

2.1 INTERVENÇÃO

Embora o desenvolvimento teórico e prático do projeto, tivesse a previsão de durar apenas o primeiro semestre de 2008, com aproximadamente 110 alunos e alunas de sexta e sétima séries do ensino fundamental, algumas atividades acabaram caindo no gosto das crianças e permaneceram até o final do ano letivo. A primeira abordagem sobre o que pretendíamos fazer foi em sala de aula, com os alunos opinando e criticando sobre essa mudança repentina, mas pouco tempo depois os conceitos já eram melhores, embora muitos jamais abandonassem o espírito de competição que parece estar arraigado para sempre nos seus cérebros.

Antes de entrarmos no relato de como se deu a intervenção na escola, é necessário dizer que do plano que tínhamos inicialmente, fizemos algumas

adaptações durante o seu desenvolvimento e as atividades foram sendo alteradas. O projeto previa primeiramente trabalhar com uma modalidade, no caso o futsal, de uma forma diferente daquela que usualmente o professor de Educação Física faz, ou seja, dar alguns exercícios de aquecimento, outros com bola e vamos para o jogo. Entretanto, discutimos isso com os alunos e outras idéias surgiram, como por exemplo, ao invés de apenas uma modalidade, realizar com nenhuma das tradicionais e idealizar outra que fosse mais divertida e trouxesse o sentido da cooperação e da inclusão.

Assim, num dia resolvi levar uma corda de sisal bem grossa e com 12 metros de comprimento para ver o que poderia surgir dali. Um aluno logo sugeriu que fizéssemos escalada amarrando-a no teto do ginásio de esportes do colégio e foi bem aceita por uns, mas selecionava demais, pois nem todos conseguiam subir, mesmo o professor orientando sobre as técnicas exigidas. Logo outro subiu na cadeira de árbitro do voleibol que era segurada por dois ou três alunos para não virar e se lançou agarrado na corda, sendo imitado por outros e imediatamente apareceu a disputa para ver quem ia mais alto ou conseguia voltar ao ponto de partida. Foi necessária uma parada para explicar novamente a finalidade da aula e voltarmos ao sentido inicial de colaboração. Dessa forma passou a primeira semana e a “brincadeira” evoluindo até que foi dado um nó na corda para apoiar a mão e segurar mais firme, em seguida alguém pediu para fazer um laço e assim poder por os pés e por último um mais largo onde podiam se sentar para que outro aluno ou mesmo o professor os empurrassem para balançar.

Fizemos outras atividades, tudo coisas simples, como quem fizesse gol ou ponto passaria a defender essa equipe, ou o revezamento entre os times que estavam jogando se dava por tempo e não por quem venceu ou perdeu, jogos em duplas e outros, deste modo tentando tirar um pouco da competição que automaticamente aparece em tudo que fazemos.

Por ainda acreditar na educação através do esporte ou pelo menos na utilização deste como meio para atingir objetivos educacionais, foi que me propus realizar esse trabalho, consciente da complexidade que abrange esse processo, mas com a determinação de rever conceitos e descobrir novas pedagogias para a Educação Física dentro da escola, no intuito de atingir a qualidade que a sociedade exige.

Mas, será que a Educação Física na escola é apenas um meio de ensinar um esporte? Seus métodos fragmentados propiciam a discussão das práticas corporais e dá condições aos alunos de reconhecer as possibilidades do seu corpo, ou só privilegia o aluno-atleta? Sim e não talvez seja a resposta mais apropriada. Depende onde queremos chegar enquanto educadores e do que fizermos do esporte escolar. Várias são as possibilidades, bastando experimentar e gostar de inovar e aprender sempre, com os alunos, colegas de profissão e as mais variadas formas de entendimento sobre o esporte e a educação que já foram publicadas e dos diversos autores que dão suporte a esse artigo.

Para Kunz (1994) o esporte só atenderá ao seu compromisso de uma concepção crítico-emancipatória: “[...] quando conseguirmos ensinar um esporte às nossas crianças de tal forma que as mesmas possam crescer, se desenvolver e se tornar adultas através dele, e quando isto acontecer, quando se tornarem adultas, possam praticar esportes, movimentos e jogos como crianças”.

São inúmeros os projetos, ditos educativos, que apregoam que o esporte livra as crianças das drogas e da marginalidade, muitas vezes justificando a aplicação de grandes somas em recursos financeiros municipais, estaduais e federal na construção de infra-estrutura esportiva e contratação de mão-de-obra para os referidos projetos com essa finalidade. Ao mesmo tempo, na Educação Física escolar muda-se a abordagem que se faz dessa manifestação, o que exige uma readaptação do professor na sua prática pedagógica, uma vez que o esporte é assunto importante dentro dessa disciplina e integra os conteúdos das diretrizes curriculares da educação, o que por certo, demandará tempo e recursos financeiros para a pertinente capacitação desses profissionais.

Dar um novo significado às aulas [de Educação Física] é um exercício que requer amplas possibilidades de intervenção, para superar a dimensão meramente motriz e imprimir uma dimensão histórica, cultural e social, cuja idéia ultrapasse a visão de que o corpo se restringe ao biológico, ao mensurável (DCE/PR, 2006)

Podemos observar com uma frequência inquietante, que a implementação dos programas esportivos em escolas tem-se baseado no senso comum de que a participação no esporte é um elemento de socialização que contribui para o desenvolvimento integral do aluno, FARINATTI (1995, p. 44) afirma que a prática físico-desportiva proporciona à criança muitas oportunidades de contato social, na medida de seu amadurecimento psíquico.

Mas o esporte realmente educa? Muitos exemplos de atletas do mundo esportivo profissional demonstram que não. Não se livraram das drogas, não deixaram seus vícios, não lhes deu garantia de boa saúde e nem deixaram de se envolver com crimes e ainda fizeram uso de substâncias proibidas com o intuito de melhorar sua performance esportiva, atentando contra a honestidade na competição, inclusive com riscos para a própria saúde. O conceito de esporte, atualmente, transcende as especificações das atividades formais, regulamentadas e reconhecidas através de suas competições oficiais. O esporte está inserido na multiplicidade das ações, seja no jogo informal dos finais de semana, ou na ginástica das academias, ou das caminhadas ecológicas, ou na dança de salão da terceira idade, ou nas brincadeiras nas praças públicas.

Diante desta constatação, onde e de que maneira a Educação Física e o esporte podem contribuir para a educação e a superação de situações de defasagem na trajetória escolar dos alunos? Tentamos responder esta questão durante o desenvolvimento do programa PDE, o que proporcionou uma boa oportunidade para a realização de algumas idéias que pretendia avaliar a um bom tempo, pois a competição acirrada que existe em um simples jogo de futsal ou qualquer outra modalidade durante as aulas de Educação Física, freqüentemente tem me incomodado.

Ao propor algumas atividades diferentes das tradicionais para os alunos do ensino fundamental observei que estes, a princípio, não se demonstraram muito entusiasmados com a nova maneira de o professor agir, dizendo que “não tinha graça”, pois estão acostumados a competir, jogar para vencer e a ver os colegas de jogo como adversários ou “inimigos” e não companheiros que gostam da mesma modalidade esportiva e compartilham de interesses comuns. A reclamação mais freqüente é que não depositam muita confiança em alguns colegas, porque eles não cooperam e não fazem as atividades

direito. Foi necessário algum tempo para que os alunos se habituassem à não disputa por resultados e sim para que a brincadeira acontecesse haveria a necessidade de todos colaborarem, aprendendo a viver uns com os outros ao invés de uns contra os outros.

Foi preciso ainda também o professor se adaptar e buscar informações sobre atividades onde todos deveriam contribuir para chegar a um resultado bem-sucedido, e até mesmo para alcançar uma nova visão a respeito do jogo, dentro de uma ética cooperativa. Embora apresentem neste trabalho as impressões das experiências práticas no âmbito das modalidades esportivas tradicionais, com alunos e alunas do ensino fundamental acabei por “dar asas” a outras idéias que foram surgindo e utilizamos alguns materiais alternativos, como a corda, por exemplo, onde para conseguir escalar ou balançar-se nela, necessitariam da ajuda de outro colega. Primeiro para amarrar a corda na estrutura metálica do ginásio de esportes, onde somente um aluno não conseguia fazer, devendo ter outro que a alcançasse para ele. Segundo para que este descesse também era preciso que outro a segurasse e, em seguida para a escalada, enquanto um tentava outros alunos deveriam segurar a corda para não balançar muito e ainda davam instruções de como proceder para alcançar mais rápido o objetivo e de maneira segura.

Em outras aulas, a proposta era balançar os colegas nessa corda, também amarrada no teto do ginásio, inicialmente foi apenas um aluno no balanço e outro empurrando, depois dois e por vezes três ou mais ao mesmo tempo, o que implica mais gente para empurrar devido ao peso. Eles adoravam, tanto que pediam essa atividade em todas as aulas. É evidente que nem todos participavam no início, havia aqueles que tinham medo de altura, outros que não queriam cooperar e preferia jogar futebol da maneira tradicional, outros ainda, temiam pela rejeição de que não houvesse ninguém para impulsioná-lo ou receavam fazer parte do grupo. Eu não os forçava para não fugir do objetivo do trabalho que era justamente buscar uma nova maneira de atuar, mas por fim quase todos se envolveram e participaram de alguma maneira porque percebiam que a atividade era divertida e acabavam gostando.

Este foi apenas um dos conteúdos trabalhados na proposta de intervenção no colégio, não que o desporto tenha sido abandonado totalmente, pois os conteúdos clássicos foram sendo desenvolvidos conforme o plano de

ação anual. Concomitante, alguns torneios foram realizados, como de futsal, jogos de voleibol, basquete e outros. O colégio participou ainda em diversas modalidades dos Jogos Colegiais e dos Jogos Estudantis da Semana da Pátria realizados pelo Governo Estadual e Prefeitura Municipal, respectivamente. Mas isso é outra história.

Houve casos de alunos que se destacaram durante essas aulas diferenciadas, ficando mais participativos e, sobretudo mudaram comportamentos. Como foi o caso de uma aluna com problemas de aprendizagem, também de relacionamento e notas em outras disciplinas. Seu comentário foi: “que bom, me sinto mais livre. Na outra aula vai ter mais professor?” Por essas e outras situações que pensamos valer a pena a iniciativa de buscar outras formas de vivenciar a Educação Física escolar.

Os jogos cooperativos nasceram da necessidade que temos em viver juntos, pois desde cedo nos ensinaram que jogo é sinônimo de competição, e que competição é sinônimo de jogo. Hoje sabemos que isso é apenas um mito, pois um jogo, para ser interessante e desafiador, não precisa ser jogado como se estivéssemos numa guerra. Enfim, temos alternativas, e uma delas é o jogo cooperativo. (Soler, 2002)

Saber a diferença entre Educação Física e esporte no contexto da educação básica, é um debate necessário entre nós professores para delimitar o alcance pedagógico de cada um, esclarecer a ação didática e posicionar as contribuições que se podem ter na formação integral das crianças e adolescente pertencentes ao ensino fundamental. Faz-se necessário antes discorrer sobre as questões pertinentes à educação e ao papel social da escola, e depois entrar nas questões mais específicas da Educação Física e do esporte na sua prática escolar.

Com o surgimento do esporte profissional a ideologia do “o importante é competir” deixou de refletir a realidade que passou para “a vitória, sim, a qualquer custo”, muitas vezes, sendo necessário para isso, valer-se de violência ou meio escusos e ainda mais grave, em detrimento do bem-estar físico e do coletivo, pois ao redor do fenômeno esportivo, com suas quebras de recordes, dos resultados, existe um mercado de consumo organizado (de atletas, inclusive) que é, a todo o momento, incentivado pelos meios de

comunicação, principalmente a televisão. Certamente, não é esse modelo que queremos para os nossos alunos. No entanto, mesmo frente a este conjunto de constatações e dúvidas na apresentação de propostas metodológicas, a área da Educação Física tem, nos últimos anos, procurado criar estratégias e oferecer alternativas reflexivas do entendimento e a sua aplicação na escola. Lamentavelmente, para a sociedade e para a comunidade escolar, a Educação Física pressupõe uma prática sem interesse para a formação integral dos educando, deixando de lado outros fatores

Segundo Betti (1992), a Educação Física na escola não se restringe ao ensino de habilidades motoras. Esse é um de seus objetivos, mas não o único a ser trabalhado.

Silva (1996) nos chama atenção para o fato de que a atuação dos professores deve ter o compromisso de ultrapassar posturas que lhes conferem apenas a função de instrutor de atividades físicas, de recreacionista, de terapeuta corporal ou de psicomotricista. Sua atuação pode conter todas essas facetas, conscientemente assumidas e dosadas em função dos objetivos que se deseja alcançar.

“Um dos papéis que cumpre o esporte escolar em nosso País, então, é o de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista, que por sua vez visa fazer com que os valores e normas nela inseridos se apresentem como normais e desejáveis. Ou seja, a dominação e a exploração devem ser assumidas e consentidas por todos, explorados e exploradores, como natural.” (Bracht, 1992)

Alguns educadores, no entanto, entendem que o esporte contribui na sociabilização da criança, pois ele por todas as suas nuances prepara para a vida, ensinando-lhe a competir, a respeitar normas etc.; já outros acham que o esporte atenta contra o desenvolvimento social da criança, porque faz com que ela se torne um ser acrítico, isto é, aceita tudo o que a sociedade lhe impõe sem se questionar, acabando por perder o senso de julgamento do real sentido das coisas.

Por último, compartilhar também é uma forma de participar com outros em uma atividade coletiva. O esporte proporciona esta circunstância, mas o

estilo de vida da sociedade moderna submersa na competitividade e no desejo de alcançar feitos extraordinários, em muitas ocasiões desvia a educação de hábitos saudáveis de convivência, nos quais, se aceitem as pessoas tal e qual elas são e assim podermos cooperar de forma concreta, além disso, aceitar a cooperação de outros.

3 – CONCLUSÃO

Por tudo que foi visto até aqui, pode-se reafirmar a importância da Educação Física como integrante do currículo escolar e a sua contribuição para a formação efetiva dos alunos, sem que precise renunciar a sua identidade e especificidade. Dessa forma, são tantas as situações inusitadas que se apresentam durante uma aula que impede o professor de trabalhar com apenas uma perspectiva e certamente, irá recorrer às suas experiências e formação para resolvê-las. Devemos destacar, além disso, que essa disciplina tem algumas características diferenciadas a serem desenvolvidas, pois tem o movimento como o seu foco e o principal objetivo a percepção do corpo para sentir, relacionar e comunicar com o mundo.

Fugir do tradicional, abandonar fórmulas e conceitos há tanto tempo utilizado, derrubar as barreiras do senso comum, não é uma tarefa fácil, mas estimulante. Como disse Paulo Freire, quando exercia o cargo de Secretário Municipal de Educação de São Paulo: “mudar é difícil, mas necessário e urgente”.

É certo que o professor de Educação Física precisará respeitar as etapas de desenvolvimento humano em seus programas de aula, porém é necessária uma postura reflexiva no trabalho pedagógico, o que pode determinar uma reformulação nos conteúdos do seu planejamento e, sobretudo ter consciência de que o caminho seguido até aqui, pode não ter sido o mais eficiente para atingir os efeitos que se deseja sobre os alunos e verificar se com o enfoque atual temos contribuído para a formação integral do ser humano que nos é confiado.

É muito saber que a Educação Física oferece amplas possibilidades de mudanças e que a qualquer momento o professor pode experimentar novas atitudes e posturas para suas aulas, conhecendo a maravilha que é ampliar as alternativas para introduzir ou iniciar o aluno em algumas modalidades. No entanto, o principal é a compreensão das possibilidades de alteração do modelo de competição que por tanto tempo vem dominando o cenário escolar.

Se não rompermos com o atual modelo de repasse de informações e prosseguir seguindo, sem refletir, sem contestar o que já vem pré-estabelecido pelas políticas governamentais ou pela “imposição” dos meios de comunicação, corre-se o risco de perder o bonde da história e a Educação Física acabar sendo relegada a uma disciplina sem importância ou ainda, sem ter reconhecido o seu devido valor.

De qualquer modo reconheci nos alunos ao final da intervenção um entendimento melhor de como podemos ser mais colaborativo, como podemos realizar uma atividade física ou esportiva havendo a participação de todos e que se sabemos fazer alguma coisa bem, há tantas outras que não somos tão bons assim e necessitamos aprender e ter a humildade de pedir ajuda, talvez até mesmo para aquele colega que foi desprezado no outro jogo.

Para concluir, devemos considerar que nem sempre a prática de uma atividade física ou esportiva envolve efeitos positivos no processo de transmissão de valores. Sobre esta questão, é fundamental ter em conta o papel determinante do professor como responsável pela ação educativa e não somente como instrutor de técnicas e táticas, assim como também pelas atividades a serem utilizadas no processo de ensino/aprendizagem. Ainda podemos confiar na função educativa do esporte escolar, entendendo que esta atividade pode, entretanto, situar-se a margem da obsessão competitiva. A competição deve ser um meio e não o objetivo final.

4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ASSIS de OLIVEIRA, Sávio. *A reinvenção do esporte: possibilidade da prática pedagógica*. Campinas: Autores Associados/CBCE, coleção educação física e esportes, 2001.

BETTI, Mauro. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

_____, *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem social*. 2ª ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

_____. *A constituição das teorias pedagógicas da educação física*. Caderno Cedes, v. 19, n. 48, 1999.

_____ et al. *Pesquisa em ação: educação física na escola*. Ijuí: Inijuí, 2003.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1991.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física – 12ª edição* – São Paulo, Cortez, 2005.

CUNHA, Luiz Antônio. Os Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental: Convívio Social e Ética. Cadernos de Pesquisa, nº 99, São Paulo, 1996.

DAÓLIO, J. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, n. 2, p 40-42, 1996.

DARIDO, S. C. *Educação física na escola: questões e reflexões*. Araras,SP: Topázio, 1999.

DCE, *Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná*. Curitiba: MEMVAVMEM, 2006.

DIECKERT, Jürgen, KURZ, Dietrich & BRODTMANN, Dieter. *Elementos e*

Princípios da Educação Física: uma antologia. Tradução prof. M. S. Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. *Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de educação física.* Campinas: Autores Associados, Coleção educação física e esportes, 2004.

FARINATTI, Paulo T. Veras. *Criança e Atividade Física.* Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

FREIRE, João Batista / SCAGLIA, Alcides José. *Educação como prática corporal.* São Paulo: Scipione, 2003.

GADOTTI, Moacir. *Escola Cidadã.* São Paulo: Editora Cortez, 1997.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira.* São Paulo: Loyola, 1991.

GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). *Educação física/ciências do esporte: intervenção e conhecimento.* Florianópolis: CBCE, 1999.

GONÇALVES, M. Augusta S. *Sentir, pensar, agir - corporeidade e educação.* Campinas: Papirus, 1994.

KUNZ, Eleonor. *Transformação Didático-Pedagógico do Esporte – 6ª edição -* Ijuí: Unijuí, 2004.

LUCENA, Ricardo. *Quando a lei é a regra: um estudo da legislação da Educação física escolar brasileira.* Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Educação Física e Desporto, 1994.

LYRA FILHO, João. *Introdução à psicologia dos desportos.* Rio de Janeiro: Sprint, 1983.

MACHADO, Afonso Antônio (Org.). *Psicologia do Esporte: temas emergentes –* Jundiaí: Ápice, 1997.

Manifesto Mundial da Educação Física – FIEP, (2000):

MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). *Lúdico, educação e educação física.* 2ª ed. Ijuí: Inijuí, Coleção educação física, 2003.

MOLINA NETO, Vicente. *A prática de esportes das escolas de 1º e 2º graus.* 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

MONTANDON, Isabel. *Educação Física e Esporte nas Escolas de 1o e 2o graus.* Vol.2. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Villa Rica, 1992.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *O que é educação física*. 8ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1990.

PARLEBAS, Pierre. “*Problemas teóricos y crisis actual en la Educación Física*” En: *Lecturas de Educación Física y Deportes*. Año 2, Nº 7. Octubre 1997. Buenos Aires.

PRISZKULNIK, L. *Reflexões sobre a criança de ontem e de hoje*; USP; São Paulo, 2002.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, *Temática: Formação profissional docente e prática educativa em educação física*. v. 22 nºs. 1, 2 e 3. Campinas: 2001.

SARAIVA, Maria do Carmo. *Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí – RS: UNIJUÍ, 1999.

SEED, *Educação física: ensino médio*. Curitiba: SEED, Livro didático público, 2006.

SHIGUNOV, Viktor. Reflexões sobre o desporto escolar: questões de formação e competências. *Revista Paranaense de Educação Física*, vol.1, n.º 1, p. 44-54, 2000.

SOARES, Carmem (Org.). *Corpo e História – 2ª edição – Coleção Educação Contemporânea* - Campinas, Autores Associados, 2004.

SOLER, Reinaldo. *Jogos cooperativos*. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

TUBINO, Manoel José Gomes. *Dimensões sociais do esporte*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2001.

VARGAS, Ângelo L. de Souza. *Desporto, Fenômeno Social*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

Sites:

<http://www.efdeportes.com>